

LINGUAGENS

COM

**FERNANDA
PESSOA**

Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma Vênus estimada como esculpida entre 28 000 e 25 000 anos. Foi descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Mandler, enquanto estava certo, que trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szonits. A estatua tem uma altura representando estilisticamente uma mulher, descrita como tendo sido situada perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em um tipo de calcário na região, e colorido com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2013, investigadores examinaram através de tomografias de raios X as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos aglomerados de calcário e comparando-as com aglomerados de depósitos de calcário oolítico encontrados em vários locais da Europa: desde França até à Alemanha. No estudo, amostras de calcário de Saga de Ala, um tipo de calcário "virtualmente indistinguíveis" do calcário Vénus, foram analisadas. A matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus fósseis de Vénus continha fragmentos de minúsculos bivalves pertencendo ao género Oxytomidae. Esta espécie de bivalve viveu há 25 mil anos, quando o género agora extinto esta espécie continha igualmente fragmentos bivalves(5). Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, estimou-se que a Vénus sido esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Pouco se sabe sobre o significado cultural. A Vénus não pretende ser uma representação feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente exagerados. A relação forte com o conceito da fertilidade é evidente. Os braços dobram-se sobre os seios e não têm um tipo de penteado ou um tipo de tranças, um tipo de penteado ou não. O apelido com que ficou conhecida e o significado da palavra conseguem ver nesta figura com características exageradas. Christopher Witcombe, professor na Swarthmore College, fez uma identificação irónica destas figuras com Vênus. "A Vénus é uma correntes, na época, sobre o que era na época. A Vénus é sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O significado da Vénus como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia. A corrupção representa um elevado estatuto social num contexto de fertilidade, a imagem podia ser também



**COMPETÊNCIA DE ÁREA 8
E HABILIDADES DA PROVA
DE LINGUAGENS**



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

COMPETÊNCIA DE ÁREA 8 E HABILIDADES DA PROVA DE LINGUAGENS

Competência de área 8 - Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H25 - Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

H26 - Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

H27 - Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente **heterogêneo**, representável por meio de **regras variáveis** socialmente motivadas" (CASTILHO, 2000, p. 12).

Variação linguística

Varição linguística é uma expressão utilizada para denominar como os sujeitos que compartilham a mesma língua têm distintas maneiras de utilizá-la. Essa diversidade linguística decorre de fatores:

- ▶ Geográficos;
- ▶ Temporais; e
- ▶ Socioculturais;
- ▶ Contextuais.

VARIAÇÃO E MARCAS LINGUÍSTICAS



Tendo isso em mente, é preciso considerar que o Brasil não é um país monolíngue, apesar de ter a língua portuguesa como idioma oficial. Sendo assim, a língua é plural, heterogênea. Isso porque convivemos com diferentes culturas de distintas partes do país.

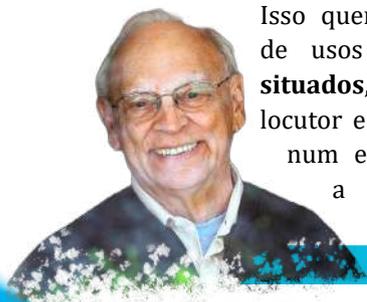
É natural, então, que a língua, a qual é viva e “acompanha” o falante, seja tão plural quanto nós. Desse modo, é correto afirmar que o português possui **variações**. Não somente a língua portuguesa, mas todas as línguas são heterogêneas e suas variações formam parte da identidade de um povo.

Tipos de variações linguísticas



A língua é uma atividade social!

Isso quer dizer que é “um conjunto de usos concretos, **historicamente situados**, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico



Ataliba de Castilho

Foto: www.greelane.com

Quando falamos em variação linguística, automaticamente devemos considerar que esse fenômeno reúne **as diversas manifestações orais e escritas dos falantes** de uma mesma língua. Ademais, seu acontecimento depende do processo de **afinidade semântica**. Isso quer dizer que existe um processo de estabelecimento de relações de sentidos próximas.

Há dois tipos básicos de variação linguística: os **dialetos** e os **registros**. Os **dialetos** são variedades advindas das **diferenças de origem geográfica**, de **idade**, de **gênero**, de **classe** ou do **grupo social** dos falantes. A **evolução** histórica da língua também origina dialetos.

Poema

de Xanana Gusmão

*Pisaste um dia na terra descalça do “bua” e do “malus”,
paraste um dia à sombra da casa alta
estranhando o “takua”
e reparaste no seu dono
cobrindo com a nudez de seu “hakfolik”
a campa dos antepassados.*

[...]

Revista do Centro de Estudos Portugueses. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. , p. 43-44, 1998)

O poema acima foi escrito em **língua portuguesa**. Apesar disso, parece quase incompreensível para nós, brasileiros. Isso porque apresenta diversas **palavras típicas do Timor Leste (na Oceania)**. Algumas delas são **bua** (pedaço de areca, para mascar), **malus** (folha de betel, uma planta trepadeira), **takua** (aguardente) e **hakfoilk** (pano que se amarra na cintura). Por isso, o poema é um exemplo de **variação territorial**.

Os **registros** são variações que ocorrem de acordo com o **grau de formalismo** presente em um **contexto comunicativo**. Esse grau varia independentemente do texto ser **oral ou escrito**. Por isso, há textos orais que são extremamente formais (por exemplo, uma palestra), e textos escritos que são informais (como conversas no WhatsApp).

Agora que sabemos o que é variação, vamos ver os seus tipos:

Variação diatópica (variação regional): resulta das **diferenças geográficas** entre os falantes. Ela pode acontecer entre **regiões de uma mesma nação** ou entre **países que compartilham uma mesma língua**, como Brasil e Portugal.

No caso de Brasil e Portugal, a relação de proximidade linguística advém da **colonização**. Nesse processo, ocorreu a **imposição de um novo idioma** aos habitantes do Brasil. Entretanto, o português brasileiro é **diferente em muitos aspectos** do português europeu, pois recebe **influência de diversas outras línguas** de origens **indígenas, estrangeiras e africanas**.



O português brasileiro, especialmente a **gramática**, ainda **segue os moldes da língua de Portugal**. Mesmo assim, encontram-se **distinções sintáticas e, principalmente, lexicais** entre as duas variações do português. Por exemplo, o emprego dos **pronomes oblíquos** (no Brasil, prefere-se a próclise; já em Portugal, a ênclise). Outro exemplo é a palavra **“apelido”**: no Brasil, significa um nome informal conferido a alguém; em Portugal, significa “sobrenome”.

O **Brasil**, com seu território de **dimensão continental** e sua **pluralidade cultural**, também tem **variações linguísticas** entre cada uma de suas regiões. Por exemplo, **diferentes palavras** podem ser empregadas para designar **um mesmo ser ou objeto**, a depender da região. Na Bahia, usa-se **menino**; já no Rio Grande do Sul, **guri**. No Nordeste, usa-se **sinal (de trânsito)**; já no Sul e no Sudeste, **semáforo**.

Outro exemplo de variações linguísticas é o uso do **pronome tu**, que é muito recorrente em algumas regiões. Já em outras, predomina o **você**. Essa variação em particular implica **transformações sintáticas**.

A **letra R** é uma das que mais varia no Brasil. Tem-se o **“R retroflexo”**, conhecido como “r caipira”, o R que raspa no fundo da garganta (predominante no Rio de Janeiro e no Nordeste) e o **“R alveolar”**, pronunciado como **“ere”**.

Variação diastrática (variação social): decorre das **diferenças socioculturais** entre os falantes. Está relacionada a fatores como a **organização socioeconômica e cultural da comunidade**. Por exemplo, as comunidades têm gírias específicas, as quais refletem sua realidade cultural. Também são determinantes a **classe social**, o

gênero, a idade, o grau de escolaridade e a profissão do indivíduo.

Essa variação tem um forte **caráter sócio-político**. Ter ou não **acesso contínuo e prolongado à educação formal e aos bens culturais** faz com que as pessoas se expressem de formas diferentes. É importante frisar que **não existe** uma variação social “mais correta” do que outras, sendo todas as variações **igualmente válidas**. O ideal, nesse sentido, é que o falante seja capaz de **se adequar a diferentes variações para se comunicar plenamente** em qualquer contexto social.

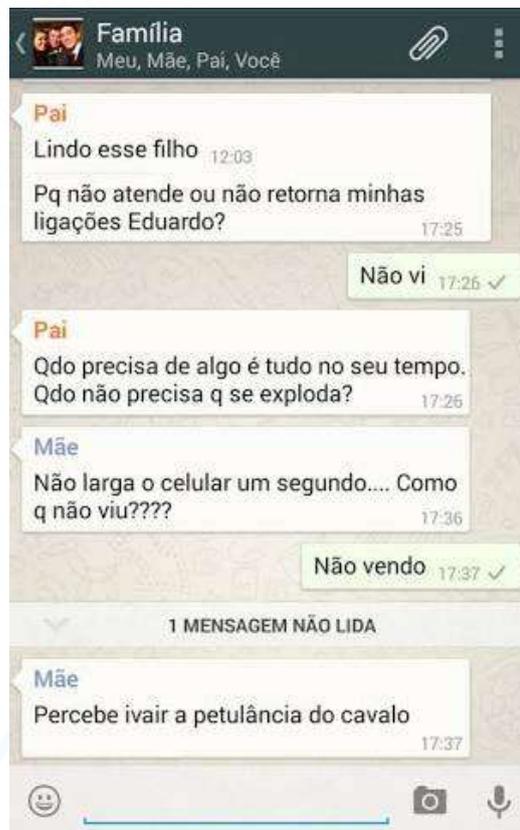
Variação diacrônica (variação histórica): o fator motivador da variação diacrônica é a **passagem do tempo**. É de grande importância saber, também, que os falantes são **criativos** e estão sempre criando **novas formas de se expressarem e se comunicarem**, então a língua vive em um **permanente estado de modificação**.

A exemplo disso, pode-se mencionar como a **influência da cultura norte-americana** no Brasil implicou a adoção de **estrangeirismos** ao nosso português. Alguns estrangeirismos têm **sentido informal**, como “brother” ou “man”, que são usados como gírias. Outros têm **implicações sociais**: o uso da palavra “sale”, ao invés de “promoção”, por exemplo, restringe o público alvo de uma marca/loja.

Outros, por fim, são acrescentados à língua quando esta não tem uma **palavra adequada** para dar nome a certo objeto. Por exemplo: “outdoor” ou “pendrive”.

Essa criatividade dos falantes não se dá aleatoriamente. Ela é motivada pelos diversos **eventos e processos históricos** que vivenciamos. Mas grande parte dessas inovações linguísticas **não são permanentes**. Por isso, há uma necessidade de observar a cristalização das formas faladas e escritas **apenas após certo tempo**.

Variação diamésica: é a que acontece **entre a fala e a escrita** ou **entre os gêneros textuais**. Os gêneros textuais têm **diferentes características e estilos**, por isso, naturalmente, a língua se adapta a cada um deles. Um bom exemplo é diferença entre a variação linguística empregada em uma **conversa de WhatsApp** e a usada em um **parecer jurídico**.



Outro ponto de extrema importância nessa seção é saber que a distinção entre **fala e escrita** não é engessada, uma vez que podemos construir um **texto escrito marcado por expressões tipicamente orais** e vice-versa. Por isso, alguns estudiosos afirmam que **gêneros orais e escritos** não se separam como blocos, mas estão dispostos em um **contínuo**.

Esse contínuo entre fala e escrita é uma **linha reta** cujos extremos são ocupados pela fala e pela escrita. **Os gêneros textuais se dispõem nessa linha**, alguns mais para a esquerda, outros para a direita. Mas eles não estão em **posições fixas**, podendo **se mover livremente** pela linha.

Portanto, não podemos assumir o léxico como um elemento distintivo válido entre a fala e a escrita. Faz muito mais sentido assumir que a principal diferença entre essas duas modalidades é a **instantaneidade** da formulação textual.

Na **oralidade**, as formulações acontecem no **momento da fala**, por isso, as **escolhas lexicais** e as **construções sintáticas** costumam ser **mais simples**.

A **escrita** permite mais **elaboração** e precisa de **planejamento**, sendo mais notável a necessidade de um **domínio da norma culta**.



Por que existem as variações linguísticas?



Variações linguísticas existem por conta de:

- ▶ Fatores **socioculturais** – as relações estabelecidas em **comunidades específicas**; e
- ▶ Fatores **sociocognitivos** – as “**configurações**” de **nosso cérebro** quando utilizamos a língua e nos comunicamos com outros sujeitos.

A constituição de mudanças linguísticas pressupõe uma **adesão coletiva**. Assim, as novas formas linguísticas só são incorporadas com a **compreensão** e a **aceitação** da maioria dos falantes. Estas, por sua vez, dependem de **fatores socioculturais** e **sociocognitivos**. Por exemplo, a gíria **legal**, que antes era muito utilizada por falantes mais jovens, passou com o tempo a ser aceita pelos mais velhos.

Fatores socioculturais: são responsáveis não só pelas **mudanças linguísticas**, mas também por tentar **mantê-las estabelecidas**. Estão relacionados, ainda, a questões como a **classe social** e o **acesso a bens culturais** dos falantes de uma língua.

As **instituições sociais** são determinantes para os fatores socioculturais. O uso da língua por parte delas está intimamente ligado à cultura.

São instituições sociais determinantes para os fatores socioculturais de variação linguística:

- ▶ As **instituições sociais**, como escolas;
- ▶ A **tradição literária**: gramáticos, dicionaristas e academias de Letras;
- ▶ Os **meios de comunicação**;
- ▶ O **Estado**;
- ▶ As **religiões**.

Quanto mais acesso a bens culturais o falante tem, mais domínio ele terá das variações linguísticas de mais **status social**.

Como a cultura é produzida pelas **classes sociais dominantes**, naturalmente, os falantes de camadas sociais privilegiadas são os que têm mais poder de **determinar as mudanças linguísticas**. Por isso, o acesso às variações linguísticas é uma questão de **poder social**.

Há diversos determinantes dos **fatores socioculturais**. São alguns deles a **diversidade de origens geográficas**, de **etnias**, de **posições hierárquicas** entre homens e mulheres e de **graus de escolarização**.

Mudanças linguísticas também podem ser originadas caso falantes sejam **coagidos a utilizar uma escrita e fala diferentes das suas**. Isso pode acontecer devido à **emigração** ou a **relações de dominação**, como as vivenciadas pelos índios brasileiros em relação aos portugueses.

Fatores sociocognitivos: estão relacionados à **construção do conhecimento**, que se dá por meio da comunicação - e da língua.

Quando falantes se comunicam, eles **trocam informações**. Portanto, para que haja **compreensão**, alguns **ajustes linguísticos** são necessários. Esses ajustes motivam o surgimento de **variações linguísticas**.

A **economia linguística** é um bom exemplo que justifica a existências das variações. Ela consiste em processos pautados em **dois motivos**:

- ▶ **Diminuir o esforço** do funcionamento mental **facilitando a exteriorização** da língua; e
- ▶ **Potencializar as capacidades comunicativas** por meio do preenchimento das falhas presentes na fala e na escrita.

Importância da variação linguística

A **sociolinguística** é a vertente da linguística que analisa a **língua** como parte da **manifestação cultural e social** de um povo. Segundo esse estudo, as variações são importantes pois **carregam a história de cada comunidade**. Por causa delas, são **retratados dos modos de vida** dos falantes da língua portuguesa.

Por exemplo, em **cidades interioranas** pequenas, há **acesso limitado** à internet, à televisão e aos outros meios de comunicação e de mídia. Por isso, a língua tende a passar por **menos transformações**.

Nas **grandes metrópoles**, ocorre **bombardeios de informações e contato intercultural** de pessoas vindas de diferentes regiões. Assim, as transformações linguísticas são **constantes**, e há diferentes **variações linguísticas** até mesmo entre bairros.

As variações linguísticas são **formadoras das pessoas e expressam a realidade social** de comunidades. Entretanto, elas também motivam **estigmatização, exclusão e perpetuação do poder** de uma parcela da sociedade. Por isso, a multiplicidade de variações linguísticas é usada como um **mecanismo de opressão**. A língua considerada **padrão** é priorizada em relação aos outros modos de expressão.

Exercícios

01. (ENEM 2014)

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo pra xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar.
Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que tou aqui com alegria.

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em Acesso em 5 mai 2013).

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é

- “Isso é um desaforo”.
- “Diz que eu tou aqui com alegria”.
- “Vou mostrar pr'esses cabras”.
- “Vai, chama Maria, chama Luzia”.
- “Vem cá, morena linda, vestida de chita”.

02. (ENEM) Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma de língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo dos cordelistas; o dos editoriais

dos jornais não é o mesmo dos dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.

(POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 – adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- descartar as marcas de informalidade do texto.
- reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

03. (UFU/2018)

*Se quer medir forças, sei que eu me garanto,
Sem conversa frouxa, sem me olhar de canto,
Fecha a boca, ouça, eu não tô brincando,
Sua estratégia é fraca, já vou chegar te derrubando.*

CONKA, Karol. Karol Conka. Download digital, 2001.

Karol Conka é uma rapper brasileira reconhecida por canções que exaltam a mulher. No refrão de “Me garanto”, de sua autoria, a forma “tô”

- representa uma inadequação ao grau de formalidade exigido pela letra da canção, um gênero escrito que circula oralmente em contextos públicos.
- caracteriza uma variedade linguística estigmatizada, já que, no Brasil, o rap está associado a comunidades socialmente marginalizadas.
- desmistifica a dicotomia entre a fala e a escrita, visto que figura em um gênero que apresenta um meio de produção sonoro e uma concepção discursiva gráfica
- indicia a inclusão de uma variante típica da fala informal à norma padrão, visto que figura em um texto escrito formal.

04. (ENEM PPL/2017) Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de chat da internet? O próprio nome que designa estes espaços no meio virtual elucidada que os leitores-escretores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um software específico. A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronicidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens.

Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito”, numa “conversação com expressão gráfica”. A interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas,

muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno chat também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva.

BERNARDES, A. S.; VIEIRA, P. M. T. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em: 14 ago. 2012.

No texto, descreve-se o chat como um tipo de conversação “tela a tela” por meio do computador e enfatiza-se a necessidade de domínio de diversas habilidades. Uma característica desse tipo de interação é a

- coordenação de ações, ou atitudes, que reflitam modelos de conversação tradicionais.
- presença obrigatória de elementos iconográficos que reproduzam características do texto falado.
- inserção sequencial de elementos discursivos que sejam similares aos de uma conversa telefônica.
- produção de uma conversa que articula elementos das modalidades oral e escrita da língua
- agilidade na alternância de temas e de turnos conversacionais.

Gabarito: 01. C; 02. D; 03. C; 04. D.

LÍNGUA E SOCIEDADE

Como já vimos anteriormente, a língua possui variações que dependem de fatores socioculturais, histórico-temporais, contextuais, geográficos, enfim, fatores que vão além da pura língua. Isso quer dizer que esta possui uma relação intrínseca com a sociedade, sendo assim, a língua é viva e está constantemente sendo usada em diversos contextos e situações. Tal fato faz com que se desenvolvam, nos espaços, novos usos e possibilidades ao longo do tempo e, obviamente, situados no espaço.

A língua é usada em inúmeros contextos e para causar diversos efeitos de sentido. Por isso, as **possibilidades de uso linguístico** estão em constante inovação e são quase infinitas. As mudanças que ocorrem na língua são resultado da criatividade dos falantes e são motivadas por fatores **temporais** e **geográficos**. Geograficamente, percebem-se diferenças entre regiões (sotaques, palavras...); temporalmente, diferentes eventos históricos alteram a sociedade. E, à medida que a sociedade se altera, a língua acompanha as transformações.

Preconceito Linguístico



O preconceito linguístico é um fato que advém de raízes históricas e sociais muito mais profundas do que imaginamos. Elas estão intrinsecamente conectadas ao preconceito de classe, ao racismo, à exclusão social, até, inclusive, à homofobia. O preconceito linguístico é, em si, uma forma de excluir socialmente determinados grupos de sujeitos.

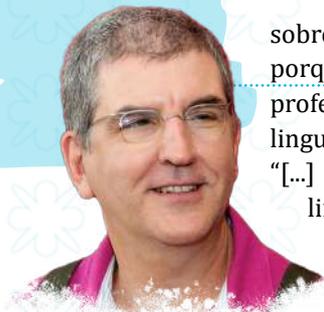
Linguisticamente, o termo em questão denomina atitudes exclusórias tomadas diante de pessoas ou grupos sociais; embora individuais, essas atitudes revelam, assim, ideologias que circulam em nossa sociedade e em sua cultura.

De modo sumário, nossa sociedade cria um padrão de língua, baseado tanto nos dicionários como em prescrições normativas advindas da gramática, e toma esse padrão como uma regra primordial para a fala de **pessoas reais**. Contudo, já sabemos, nosso país possui um território imenso e, como consequência, temos **distintas culturas**, nenhuma melhor que a outra; à vista disso, a língua, que acompanha a sociedade, possui também **diversas maneiras de ser expressa** (e não há uma relação de superioridade entre esses modos).



GONSALES, F. Níquel Náusea: com mil demônios!! São Paulo: Devir, 2002, p. 32.

A ilusão de que um falar é melhor do que outro, ou mais bonito do que outro (um vil eufemismo disfarçado, vale lembrar), constitui um reforço ao preconceito linguístico e é,



sobretudo, uma questão de classe. Isso porque, como pontua **Marcos Bagno**, professor adjunto e pesquisador em linguística na Universidade de Brasília, “[...] a principal fonte de preconceito linguístico, no Brasil, está na **comparação** que as pessoas da classe média urbana das regiões mais desenvolvidas fazem entre seu modo de falar e o modo de falar dos indivíduos de outras classes sociais e das outras regiões”.

Historicamente, nossa língua tem raízes na **língua latina**, da qual originou-se o **português** (europeu). É plausível, contudo, ressaltar que hoje nosso idioma mudou quase que completamente. Embora isso seja um fato atestado por estudos científicos em sociolinguística, nossa sociedade está, ainda, enraizada por estereótipos. E de onde eles advêm? Ora, das relações de poder.

Portugal, como sabemos, foi no passado colonizador de diversos países, incluindo o Brasil. Como uma sociedade essencialmente tradicionalista, colonizada por europeus, a cultura destes nos foi imposta, e, na cultura, inclui-se a língua, uma vez que esta é, também, parte da história de um povo. Bem, é nesse ponto que entram as questões das relações de poder, um laço vil ainda não extinto da humanidade. Se quem tem poder fala de determinada maneira, provavelmente será esse o padrão imposto.

Sob esse viés histórico, seria correto afirmar que as raízes do preconceito linguístico sobre o qual estudamos hoje têm base nos acontecimentos passados de nossa história como país, e essas raízes são alimentadas pelos estereótipos de outros tipos de preconceito. Isto é, “o que está em jogo não é a língua [em si], pois o modo de falar é apenas um pretexto para discriminar um indivíduo ou um grupo social por suas características socioculturais e socioeconômicas: gênero, raça, classe social, grau de instrução, nível de renda etc” (BAGNO, 2020).

Anotações

Níveis de formalidade



WATTERSON, Bill. "O melhor de Calvin".

A depender do contexto, as interações sociais assumem diferentes níveis de formalidade aos quais a língua se adequa. Esses níveis dizem respeito às regras, aos protocolos e à situação comunicativa que permeiam a interação.

Uma ideia equivocada em que costumamos acreditar é a de que a língua oral é informal, ao passo que a escrita é formal. Entretanto, como já vimos, os níveis de formalidade variam independentemente da modalidade da língua que se utiliza, sendo assim, há textos orais que são formais, e texto escritos que são informais.

A **linguagem formal** costuma ser empregada quando não há proximidade entre os interlocutores ou em **contextos sociais formais**, como em ambientes de trabalho e estudo ou quando há uma hierarquia bem delimitada entre os falantes.

A **polidez** e a **seleção atenciosa de palavras** são características da linguagem formal. Em textos escritos, é comum a **revisão criteriosa**; já textos orais exigem ensaios e **preparação prévia**, com roteiros e, muitas vezes, materiais de apoio. Ao usar a linguagem formal, deve-se seguir a **norma culta** da língua.

A **linguagem informal**, por sua vez, costuma ser utilizada quando há algum grau de **proximidade** entre os falantes ou em **contextos sociais informais**, como ambientes familiares e grupos de amigos.

A **espontaneidade** é a principal característica da linguagem formal. Como as comunicações informais não costumam ser previamente planejadas, as construções linguísticas e o vocabulário empregado são mais simples. Permite-se o uso de gírias, abreviações, diminutivos e até de construções sintáticas que não seguem a norma culta sem que os interlocutores se sintam ofendidos.

É importante destacar que, apesar de ser usada em contextos de maior prestígio social, a linguagem formal não é mais importante ou mais correta do que a informal. Portanto, “falar bem” o português não é sinônimo de falar apenas de acordo com a linguagem formal, apagando completamente a linguagem informal. Pelo contrário, quanto mais instruído o falante é, melhor ele sabe **transitar** entre os diferentes **níveis de formalidade** e as diferentes **normas linguísticas** que são usadas socialmente. Por isso, é importante, para a prova do ENEM, saber **reconhecer as variantes linguísticas** e saber em que contextos sociais elas são empregadas.

Registros linguísticos

A variação linguística que se realiza a depender dos níveis de formalidade empregados é expressa pelos registros, sobre os quais já estudamos.

Observação:

Registro(s):

De uma forma simplificada, diz respeito às maneiras como falamos nas diferentes situações cotidianas (adequação). Podem ser formais ou informais.

Dialeto(s):

- ▶ Podem ser:
- ▶ Regionais;
- ▶ Etários (criança, jovem e adulto);
- ▶ Sociais (popular e “culto”);
- ▶ Profissionais (jargões profissionais).



Foto: Suricate Seboso (Facebook, 2015).

Existem diferentes tipos de registro do português, que se aplicam tanto à língua falada quanto à escrita. São eles:

Registro popular: É o registro mais informal empregado, principalmente, entre a população menos escolarizada. Costuma ser mais empregado na oralidade, mas também pode ser usado como um recurso da língua escrita; é o caso de textos literários que utilizam o registro popular em falas de personagens.

Registro familiar: É adotado em situações de informalidade, como entre familiares e amigos. Caracteriza-se pelo uso de vocabulário e construções sintáticas simples, a fim de dinamizar e facilitar a comunicação e o entendimento entre interlocutores.

Registro corrente: É comum no cotidiano, especialmente quando os interlocutores precisam se comunicar, mas não se conhecem. Apesar de haver polidez, ainda é caracterizado pelo uso de expressões e construções sintáticas mais simples, priorizando o entendimento entre os falantes, e não o embelezamento da língua.

Registro cuidadoso: É usado em situações formais ou solenes, quando se tem intenção de impressionar por meio do cuidado com a linguagem. Por isso, há zelo pela norma culta, com erudição vocabular, emprego adequado dos tempos e modos verbais e construções sintáticas complexas.

Registro literário: É empregado na literatura quando escritores utilizam elementos linguísticos para surpreender os leitores. Está associado à função estética da literatura. É característico desse registro o uso de metáforas, termos raros, neologismos, palavras com cargas semânticas e sintáticas diferentes das convencionais, etc. Esse registro requer um esforço do leitor.

Empréstimos linguísticos

Os empréstimos linguísticos costumam acontecer quando uma língua estrangeira tem uma palavra mais adequada para nomear um ser ou objeto do que a nossa língua. Eles podem ser fruto da influência de uma cultura sobre outras, de heranças linguísticas ou, simplesmente, de escolhas estéticas.

Muitos veem os empréstimos linguísticos como vilões, associados à morte do idioma e à perda da cultura. Entretanto, eles são movimentos naturais da evolução linguística, sem os quais, certamente, a língua ficaria estagnada.

São alguns empréstimos linguísticos que observamos na língua portuguesa:



Empréstimos de línguas indígenas:

Esses empréstimos estão profundamente enraizados na nossa língua, tanto que muitas vezes passam despercebidos. Eles são uma herança direta dos primeiros povos que habitaram o Brasil e do intercâmbio cultural entre eles e os colonizadores.

Em muitos casos, inclusive, foram as expedições dos exploradores que espalharam línguas indígenas pelo Brasil, aumentando ainda mais a influência delas sobre o português.

Exemplo disso é o tupi paulista, que foi levado para o resto do Brasil pelos bandeirantes. Muitos desses exploradores

sequer falavam português, ou falavam muito pouco. Assim, em suas expedições, eles deram nomes indígenas a lugares e criaram uma língua nova a partir da confluência do tupi com o português e outros dialetos locais.

Línguas africanas: Assim como acontece com as línguas indígenas, as línguas africanas têm relação direta com a fundação da sociedade brasileira, com a presença de escravos negros no país.

Muitas palavras de línguas africanas foram incorporadas à língua portuguesa, e estão tão profundamente enraizadas em nossa língua que não percebemos sua origem. São algumas dessas palavras: cachaça, banguela e quitute.

Essas palavras são empregadas com o mesmo sentido aqui no Brasil e em Angola, comprovando a ligação linguística. Muitas delas têm origem bantu e iorubá.

Estrangeirismos: As palavras estrangeiras precisam ser aprovadas, ou seja, normalizadas pelos falantes para serem de fato incorporadas à língua. É o caso de palavras como *outdoor*, *pendrive* e *fast food*, que já foram adicionadas ao vocabulário oficial da língua portuguesa.

Estrangeirismos têm motivação política. Isso porque quanto mais poderoso um grupo social se torna, mais influente seu idioma passa a ser sobre diferentes culturas. É o caso do inglês, considerado uma “língua universal” por ser falada pelos países mais ricos e poderosos do mundo. Assim, a maioria dos estrangeirismos em nossa língua têm origem inglesa.

Isso não significa, porém, que a língua inglesa não receba influências de outras línguas, nem que o português não empreste palavras para outros idiomas. Por exemplo, a palavra *fazenda* foi incorporada ao dicionário russo por causa da novela *Escrava Isaura*, que foi muito popular no país que ainda não contava com uma palavra específica para designar uma “casa de campo”.

Anotações



Estamos juntos nessa!

